

Editorial

Emprego, Desemprego e Educação

Entre as mais sérias preocupações dos brasileiros, atualmente, sempre aparece o desemprego em posição de destaque. Infelizmente, as taxas vêm crescendo mês a mês, variando apenas as interpretações oferecidas para o seu aumento. O espectro das considerações indica repetidamente que o desemprego decorre das grandes transformações nos paradigmas produtivos, organizacionais e gerenciais.

Realmente, são inúmeras as inovações tecnológicas provocadas pelo surgimento de novos materiais, disponibilidade de fontes alternativas de energia, criações no campo da biotecnologia e, sobretudo, incessantes novidades na microeletrônica, das quais têm advindo profundas mudanças nos processos produtivos. São igualmente numerosas as transformações nas estruturas empresariais, com o aparecimento de organizações verdadeiramente mundiais e não só multinacionais, sistemas integrados de produção e outras inovações. E não faltam invenções e reinvenções administrativas com impacto na orientação geral e no cotidiano da gestão, particularmente no financiamento e aplicação de recursos, como a reengenharia, o downsizing, o orçamento zero e os programas de redução de gastos.

A adoção destas inovações está afinada com as exigências de maior qualidade, produtividade e competitividade, constituindo, talvez, um passo necessário nas reformas econômicas. As conseqüências, porém, da substituição de máquinas e equipamentos, da introdução de novas estruturas fabris, da aplicação de novos modelos gerenciais, da facilidade de acesso ao crédito, ainda que a altos juros, têm dado origem a uma notável troca de sistemas de trabalho – intensivos por outros não intensivos – em várias indústrias e serviços, assim como a uma indistigável diminuição tanto dos quadros de gerência e administrativos quanto do operariado.

Num cenário como esse, impõem-se natural e simultaneamente duas obrigações: contribuir para a superação do desemprego e satisfazer a demanda de novos profissionais. Sem dúvida, tanto uma como a outra dependem do entrelaçamento de várias medidas nos campos político, econômico e social.

No campo da política, é necessário que o país, concomitantemente, pondere as diversas possibilidades e alternativas, equilibrando suas aspirações como nação

democrática e seus recursos como integrante do bloco dos chamados emergentes.

Na área da economia, a tarefa é de ajustamento dos fenômenos demográficos de crescimento, situação e deslocamentos geográficos e incremento nas expectativas de vida, com as exigências, por um lado, de produção dos bens e serviços necessários, com custos e preços aceitáveis, e, por outro, da oferta de emprego em face das aspirações regionais e setoriais da população.

No território social, o de que se precisa é de uma educação geral de qualidade e, portanto, adequada aos tempos, e de contínua qualificação e requalificação da força de trabalho.

Não deixemos de reconhecer e de registrar a crescente consciência dessas preocupações e a indispensável necessidade de que se tomem decisões urgentes. As autoridades, no entanto, insistem em que dependem estas daquelas para que se dêem pequenos passos e avançam com surpreendente lentidão na tomada e na implementação das medidas cabíveis. Ao mesmo tempo, os jovens em idade normal de se candidatarem a um emprego enfrentam dificuldades para conseguir trabalho, um número respeitável de trabalhadores de praticamente todos os setores e de diferentes níveis da hierarquia — dos operários aos gerentes e executivos — reclamam a perda de seus empregos, e os aposentados voltam a disputar os postos de trabalho em razão dos seus mais do que limitados recursos.

Um aplauso, porém, deve ser reservado ao Ministério e às Secretarias de Educação, que, direta ou indiretamente, vêm lutando para inverter a direção em que ainda se movem suas atividades e contribuir para transformar tanto a educação geral, especializada e profissional, como as relações entre a escola, a universidade e o mundo do trabalho. O objetivo é incrementar a oferta de pessoal à altura das demandas do empresariado dos setores mais modernos da nossa realidade, elevar o perfil de qualificação da população economicamente ativa e manter em boas condições a chamada empregabilidade da mão-de-obra de todo tipo.

Em nosso entendimento, o conjunto de políticas, decisões e medidas mais acertadas que se devem ao setor educacional se concentram ou se relacionam, principalmente, com a avaliação. É amplamente aceito que, sem os resultados nacionais, estaduais e, em alguns casos, municipais, do SAEB; setoriais e institucionais do provão; e, em breve, institucionais do ENEM, seria improvável que os diferentes sistemas e as diversas instituições educativas tivessem cedido ao clamor de mudança oriundo de todos os cantos. A avaliação institucional, porém, ainda está deixando a desejar, circunscrita como tem ficado, quando acontece, na auto-avaliação ou em processos avaliativos localizados.

Aplausos à parte, cabe que todos nos empenhemos, agora, para que, mesmo sem completar a atual fase, passemos à segunda, com a introdução de sistemas, sistemáticas, processos e procedimentos simultâneos de credenciamento e reconhecimentos institucionais ou corporativos (o que, internacionalmente, se conhece por **accreditation**); e certificação de proficiências.

Se demormos a fazê-lo, continuará bastante enfraquecida a confiança mútua entre empregadores e possíveis empregados; será precário, como infelizmente ainda o é, o processo de criação de alternativas de auto-emprego,

Como se sabe, mas nada se perde por repetir, para serem modificadas, todas estas situações terão de apoiar-se sempre na qualidade da educação e na conseqüente maior qualificação dos trabalhadores.

Com a mudança ou transformação de nossa educação, com mais saúde da população, com empresas mais sintonizadas não apenas com as exigências do mercado, mas igualmente com a realidade e necessidades do país, com os governantes definindo novas políticas de distribuição de renda e orientações mais democráticas para a disponibilidade de recursos e de possibilidades de emprego, com uma força de trabalho, portanto, mais educada, qualificada e sábia e empregos em maior quantidade, nossas lamentáveis taxas de desemprego voltarão esperançosamente a cair.

Carlos Alberto Serpa de Oliveira